

TODAS AS BOAS PESSOAS DAQUI

ASHLEY FLOWERS

COM ALEX KIESTER

**TODAS
AS BOAS
PESSOAS
DAQUI**

Tradução de
Fernando Silva



**FARO
EDITORIAL**

COPYRIGHT © 2022 BY ASHLEY FLOWERS
PUBLISHED IN THE UNITED STATES BY BANTAM BOOKS, AN IMPRINT OF
RANDOM HOUSE, A DIVISION OF PENGUIN RANDOM HOUSE LLC, NEW YORK.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **GABRIELA DE ÁVILA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE E THAÍS ENTRIEL**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **LISA BONOWICZ | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Flowers, Ashley
Todas as boas pessoas daqui / Ashley Flowers ; tradução
de Fernando Silva. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.
256 p.

ISBN 978-65-5957-287-8
Título original: All good people here

1. Ficção norte-americana 2. Mistério I. Título II. Silva,
Fernando

23-0711 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br





**TODAS
AS BOAS
PESSOAS
DAQUI**



UM

KRISSY, 1994

Os moradores de Wakarusa, em Indiana, eram capazes de espalhar fofocas mais rápido do que uma aranha tece sua teia. Cada vez que um deles fazia algo que não devia — como Abby Schmuckers, que foi pega roubando batom de uma loja; como o garoto Becker, que abandonou o clube de voluntários; ou como Jonah Schneider, que adormeceu e roncou na igreja — a fera fofoqueira de Wakarusa abria sua mandíbula e mastigava a notícia tão bem que, quando finalmente a cuspiu, a verdade estava deformada, distorcida e irreconhecível. E, como o povo de Wakarusa frequentava a igreja, cumpria a lei e era temente a Deus, a história sempre era enfeitada com pérolas de doçura, para revestir suas pontas afiadas: *Deus a abençoe, mas... Vou orar por eles, porque, você ouviu...? Senhor, tenha piedade dessas almas.*

Mesmo antes de tudo acontecer, Krissy Jacobs já havia entendido o poder da fábrica de boatos de Wakarusa, e por isso evitou tanto cair em suas tramas. Ela ia à igreja todos os domingos, vestia a filha de rosa e o filho de azul, usava os sapatos certos e garantia que o marido estivesse com as gravatas certas. Não porque acreditasse que quaisquer dessas coisas fossem importantes; era simplesmente porque tinha muito a perder. Essa vida — sua família, a fazenda e a casa — não era o que ela havia desejado, nem de perto. Porém, era mais do que ela já havia tido antes, então ela se agarrava àquilo com firmeza.

No dia em que tudo escapou por entre seus dedos, Krissy se levantou às cinco da manhã com o som do despertador, como fazia todas as manhãs, por ser a esposa de um fazendeiro; deslizou para fora da cama silenciosamente, para não perturbar Billy, embora o alarme também fosse para acordá-lo; e saiu do quarto escuro, descendo a velha escada de madeira até a cozinha.

Ela viu a pichação na parede antes mesmo de chegar ao último degrau, o que a fez perder o fôlego. Rabiscadas em enormes letras vermelho-sangue, estavam três mensagens horrendas: *FODA-SE A SUA FAMÍLIA... AQUELA CADELA SE FOI... É ISSO QUE VOCÊ MERECE.*

O coração de Krissy batia forte contra suas costelas em um ritmo doloroso. Seu primeiro pensamento — bizarro e inadequado — foi que as palavras pareciam tão... *invasivas*, em sua velha, porém imaculada parede branca, em sua cozinha caindo aos

pedaços, mas ainda bonita. Essas palavras desagradáveis e violentas não pertenciam à pitoresca Wakarusa, Indiana, cheia de pessoas boas e piedosas. Quando a cidade tomasse conhecimento disso, Krissy sabia, essas palavras manchariam cada membro de sua família pelo resto da vida.

Ela parou no último degrau, trêmula. Embora o sol ainda não tivesse nascido, e sua mente estivesse enevoada, estava claro que essas palavras eram o aviso de algo terrível. *AQUELA CADELA SE FOI*, Krissy leu novamente, e dessa vez a vergonha se juntou ao pânico. Algo estava terrivelmente errado e tudo o que ela havia conseguido pensar era: *O que os vizinhos vão dizer?*

DOIS

MARGOT, 2019

Margot estacionou ao lado do meio-fio, do lado de fora da casa de seu tio Luke, desligou o motor e recostou-se no banco.

Pela janela do lado do passageiro, olhou para a casa térrea dos anos 1970 e arrepiou-se de pavor. A última vez que ela havia passado a noite em Wakarusa, a cidade onde cresceu, foi há vinte anos, quando tinha onze anos de idade.

A cidade natal de Margot era originalmente chamada de Salem. Porém, o nome foi alterado na década de 1850, para evitar confusão com a outra Salem de Indiana. A etimologia havia se perdido na história, mas, de acordo com a sabedoria popular, o termo nativo americano *Wakarusa* poderia ser traduzido como “lama até os joelhos”. Tanto o nome antigo quanto o novo impressionavam Margot, pois eram apropriados de maneira inquietante: um evocava o assassinato de meninas inocentes, enquanto o outro insinuava o quanto era difícil partir. Para Margot, porém, a lama se parecia mais com areia movediça; quanto mais se lutava para se livrar, mais ela puxava para baixo. Durante anos, ela pensou que tivesse escapado, e agora aqui estava ela, de volta.

No entanto, mais do que a cidade em si, o que deixava Margot aflita agora era a dúvida de qual versão de seu tio ela encontraria esta noite: a real ou a ruim.

Ela respirou fundo. Em seguida, pegou suas malas do banco de trás e caminhou até a entrada. No patamar da frente, uma lâmpada amarela tremeluzente cercada por uma gaiola de arame iluminava o espaço. O som das mariposas batendo contra ela fez Margot se lembrar de quando passava os verões ali durante a infância — dias longos e quentes, joelhos esfolados e panturrilhas arranhadas nos campos de milho. Ela ergueu o punho e bateu na porta.

Depois de um momento, Margot ouviu o *tum* de um ferrolho. Em seguida, a porta rangeu lentamente, abrindo-se um pouco. Seu sorriso falso vacilou.

— Tio Luke?

Pela fresta escura da porta, ela estudou as mudanças em seu tio, desde a última vez que o havia visto. As marcas em seu rosto pareciam ter se aprofundado nos meses que se passaram, e seu cabelo escuro estava anormalmente despenteado. Uma coisa que não havia mudado, no entanto, era a bandana vermelha em volta do

pescoço, aquela que Margot dera a ele no Natal, há 25 anos, e que ele ainda usava com frequência.

Seus olhos passaram pelo rosto dela.

— Rebecca?

Margot engoliu em seco. Apesar de compartilhar apenas semelhanças superficiais com a falecida esposa de seu tio — o cabelo castanho curto e a compleição mediana —, Margot estava acostumada a ouvir Luke chamá-la pelo nome da outra mulher. Ainda assim, isso doía, toda vez que acontecia.

— Sou a Margot, lembra? Sua sobrinha, filha do Adam?

Dizer isso revirou seu estômago. *Filha do Adam* não transmitia a mensagem de que ele, Luke, era uma figura paterna mais importante para ela do que seu pai biológico jamais havia sido. *Sobrinha* não reiterava que, além de sua falecida esposa, ela, Margot, era a pessoa que ele mais estimava, e ele, a que ela mais adorava. No entanto, era melhor começar com pequenas informações, para refrescar sua memória, e o restante geralmente se acertaria.

— Margot... — Seu tio disse seu nome como se estivesse falando pela primeira vez.

— Esse é o meu nome, mas você geralmente me chama de “garota”. — Margot manteve sua voz alegre e constante.

Luke piscou uma, duas vezes. Em seguida, finalmente, como se alguém tivesse tirado teias de aranha velhas que encobriam sua visão, seus olhos clarearam.

— Garota! — Ele abriu a porta e os braços. — Meu Deus, você está aqui! Por que demorou tanto?

Margot forçou uma risada, enquanto corria para os braços abertos dele. Porém, sentia um aperto no peito. Ela jamais se acostumaria com o medo do momento em que finalmente o perderia para sempre.

— Desculpe por isso, garota — disse ele, quando se afastaram. — Eu tenho esquecido as coisas nessa minha velhice — acrescentou sem dar muita importância ao fato, como se esquecer a família fosse tão normal quanto perder suas chaves. No entanto, havia uma sombra de constrangimento obscurecendo seus olhos.

Ela acenou com a mão.

— Está tudo bem.

— Bem, como é que você tem passado? Ah, deixe eu lhe ajudar com essas malas.

Margot fez menção de protestar, mas Luke já estava empilhando a bagagem dela em seus braços. Com apenas cinquenta anos, a mente dele podia até estar falhando, mas ele parecia forte como sempre foi. Quando o tio virou as costas, ela deu uma olhada em sua pequena casa e ficou devastada. Era a primeira vez que ela estava ali

desde que sua tia, Rebecca, morrera de câncer de mama no ano anterior. Margot se sentira imensamente culpada por não ter visitado antes. Espalhadas pelo chão da sala, havia torres inclinadas de jornais, além de pratos e copos sujos na mesa de centro e, mesmo de onde estava, na porta da frente, podia ver a camada de poeira que cobria a estante embutida e a velha televisão. A cozinha, à direita, estava muito pior: pia e balcão transbordavam com pilhas de pratos, tigelas e xícaras empilhados precariamente com manchas de comida já ressecadas. O mais inquietante era a coleção de frascos de comprimidos, empilhados ao lado do telefone fixo. Devia haver mais de uma dúzia, alguns vazios, outros tombados. Um frasco grande estava cheio de uma variedade de comprimidos redondos, brancos, misturados com cápsulas alongadas verde-claras. Quanto disso era por causa de seu diagnóstico e quanto era pela viuvez recente, Margot não sabia.

— Nossa, você trouxe um monte de coisas, garota — disse Luke, com os braços carregados de malas. — É como se você estivesse se mudando para cá.

Margot olhou para ele, para ver se era uma piada — afinal, ela *estava* se mudando. Porém, havia apenas um brilho de provocação em seus olhos. Ela riu, levemente.

— Você me conhece... — Então, quando ele não se mexeu, ela acenou com a cabeça em direção à porta, no final do corredor. — Eu queria ficar no escritório.

— Claro, claro.

O escritório de sua tia e seu tio nunca havia sido muito usado, pois os dois trabalhavam em South Bend, Luke como contador e Rebecca em um museu de arte em meio período. Nos primeiros quinze anos de casamento, o quarto tinha sido de um amarelo alegre, com um berço no canto, sempre vazio. Então, quando Rebecca completou quarenta anos e perdeu as esperanças, ela pintou as paredes de cinza. Eles haviam comprado uma escrivaninha e um futon, e Margot sabia que o quarto era usado apenas por seu tio, que às vezes gostava de jogar paciência no computador antes de dormir.

A visão do quarto fez o peito de Margot doer, pois ficou claro que o tio, durante momentos de lucidez, havia começado a preparar o quarto para sua visita, embora a maioria das tarefas parecesse ter sido abandonada no meio do caminho. O futon foi puxado para fora e um lençol de elástico estava encaixado em três cantos. Havia dois travesseiros no chão. Ela teria que vasculhar para achar um cobertor e fronhas.

— Está perfeito. Obrigada, tio Luke. — Ela hesitou. — Bem, eu vim direto do trabalho, então, estou morrendo de fome. Você já comeu?

Depois de avaliar o conteúdo da geladeira do tio — a maior parte condimentos, quase todos vencidos —, ela pediu uma pizza da única pizzaria de Wakarusa. Eles se

sentaram à mesa da cozinha, com copos de água e suas fatias de pizza em guardanapos de papel, porque não havia pratos limpos. Pelos seus telefonemas nos últimos meses, Margot havia aprendido que as conversas fluíam melhor quando era ela quem falava. Então, entre uma mordida e outra, ela preencheu o silêncio, saudosa de dias não tão distantes, em que ela e o tio conversavam por horas quando estavam juntos.

— Obrigada mais uma vez por me deixar ficar aqui — disse Margot, olhando furtivamente para o rosto de Luke. Mas o que ela realmente queria era perguntar: *Você sabe por que estou aqui? Você se lembra de seu diagnóstico? Como está lidando com tudo isso?* Porém, toda vez que ela mencionava algo relacionado à doença dele, a voz de Luke se tornava ríspida. Margot reconheceu aquele sentimento oculto: o tio estava perdendo a razão, devastadoramente jovem, aos cinquenta anos, e estava apavorado. Então, ela evitou falar sobre isso. Ao se convidar para se mudar para lá, ela havia dito a ele que precisava de uma mudança de ritmo e que queria estar mais perto dele. Inventou uma “nova flexibilidade no trabalho” como uma oportunidade aparentemente boa para fazê-lo.

— É claro — disse Luke, com os olhos sobre sua pizza. — Você sabe que é sempre bem-vinda.

— E lembre-se de que ficarei feliz em ajudar. Então, se precisar de alguma coisa...

Luke sorriu, mas era forçado.

— Obrigado, garota.

Margot abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas ele já havia mudado de assunto.

— Ei, como está Adam? E sua mãe?

Margot sufocou um suspiro. Eles haviam acabado de pular de um tópico complicado para outro, e ela não sabia como navegar por nada disso. Até seis meses atrás, ela nunca tinha hesitado em contar a verdade ao tio, sobre seu irmão ou qualquer outra coisa. No entanto, com seu diagnóstico, ele parecia frágil, e, por sua pesquisa, ela sabia que a fragilidade poderia levar a alterações de humor e explosões de raiva. Só havia acontecido algumas vezes por telefone até agora, mas a ideia de Luke perdendo o controle a assustava.

— Ele...

— Ainda é um péssimo bêbado que se recusa a ser ajudado?

Surpresa, Margot caiu na gargalhada.

— Ora, posso estar esquecendo as coisas, mas não tem como esquecer isso — disse ele, e ela riu ainda mais.

Não que ela achasse graça no fato de seu pai gostar mais de uísque do que do único irmão e da única filha. Porém, esse era o tio Luke de quem ela sentia falta. A

única pessoa, em uma cidade repleta de falsidade, que sempre falaria a verdade. A pessoa que fazia Margot se sentir compreendida, sem que ela precisasse se esforçar para isso. A pessoa cujo senso de humor era exatamente igual ao dela; que uma vez a fez rir tanto, que seu refrigerante acabou saindo pelo nariz. Além disso, a ausência do afeto de seu pai — e de sua mãe, só para constar —, não era novidade para Margot. Sua casa na infância tinha sido cheia de gritos e discussões pontuados por copos arremessados contra as paredes. Por isso, ela era tão próxima de Luke. Todos os dias, depois da escola, ela caminhava até a casa do tio, em vez de ir para a dela. Nos fins de semana, ela passava a noite lá. Ela *teria* ido morar com ele e Rebecca — eles haviam oferecido, inúmeras vezes —, mas sua mãe havia ficado preocupada com o que as pessoas diriam.

Algumas semanas antes, quando Margot disse à mãe que estava voltando para Wakarusa, ela teve uma reação semelhante.

— O que vai dizer às pessoas quando perguntarem por que está de volta?

— Como assim? Vou contar a verdade, que vou ficar com Luke, para ajudar.

— Isso não é da conta de ninguém, Margot. De qualquer forma, seu pai diz que não pode ser tão ruim assim. Luke é seu irmão *mais novo*.

— Como diabos papai saberia? Quando foi a última vez que os dois conversaram? Em 2010?

— Se está mesmo tão preocupada, por que simplesmente não contrata uma enfermeira ou algo assim? Você não quer voltar para aquela cidadezinha triste, onde aquela coisa terrível aconteceu.

Margot tinha puxado o telefone da orelha para olhar a tela, incrédula.

— Uma enfermeira? Com que dinheiro?

— Meu Deus, Margot. Às vezes você é tão grossa. — Quando ela voltou a falar, sua voz havia ficado ofegante, como se estivesse acima de tudo aquilo. — Você tem um bom emprego. Tenho certeza de que vai pensar em alguma coisa.

Agora, para Luke, Margot disse:

— E a mamãe é a mesma de sempre. Delirante.

Luke bufou.

— Sobre o que Bethany está delirando desta vez?

— Ela parece pensar que sou milionária, só porque escrevo para um jornal.

— Espere aí. Você não é milionária?

Ela abriu um sorriso largo.

— Como vai o jornal, a propósito?

Margot olhou para baixo.

— Está bem. — Ela odiava esconder as coisas do tio. Mas não podia tolerar a ideia de fazê-lo se sentir culpado por algo que ele não podia controlar. Ela não podia

dizer a ele que estava indo mal no trabalho havia seis meses porque sua mente estava em Wakarusa com ele, em vez de estar em Indianápolis, focada no jornal. Ela não podia dizer a ele o quanto sua editora tinha relutado em aprovar a mudança de Margot para o trabalho remoto. — Sério — acrescentou ela, mais contente, desta vez —, está ótimo.

Porém, quando ela olhou para cima, o tio a fitava de um modo estranho. Os olhos dele dispararam da fatia de pizza em sua mão para o rosto de Margot, uma ruga marcando sua testa.

— Rebecca?

Margot engoliu em seco.

— Sou eu, tio Luke. Sua sobrinha, Margot.

Ele piscou, por um momento. Em seguida, sua expressão se alterou, e um sorriso se espalhou por seu rosto.

— Garota! Estou tão feliz que esteja aqui.

— Sim. — Ela concordou com a cabeça. — Eu também.

* * *

Naquela noite, depois que Luke foi para a cama, Margot lavou os pratos, até que um lado da pia estivesse vazio. Em seguida, ela se sentou à mesa da cozinha e fez uma lista. Ela precisava fazer uma cópia da chave da casa de Luke para si mesma e organizar seus medicamentos. Precisava limpar a cozinha e a sala de estar, comprar papel higiênico e toalhas de papel, pois parecia estar quase no fim do estoque de ambos. Ela havia lido em algum lugar que colocar etiquetas nas coisas, como o conteúdo dos armários da cozinha, por exemplo, o ajudaria a encontrar o que necessitasse pela casa quando a memória falhasse. Além disso, com todo o tempo que havia levado para fazer sua mudança para Wakarusa, ela acabou se atrasando no trabalho e precisava entregar alguns artigos que não fossem um completo desastre. Ela adicionou à lista: *Faça seu trabalho*. Então, na parte inferior, escreveu um lembrete para si mesma de ligar para o sublocador que havia encontrado para seu apartamento em Indianápolis. Ele havia soado irritantemente indeciso na última vez em que conversaram, e ela precisava que ele se mudasse e fizesse seu primeiro depósito para o proprietário. Caso contrário, ela ficaria devendo o pagamento de um mês inteiro de aluguel de um lugar onde não morava mais. Só de olhar para a lista, Margot se cansou. Porém, ela teria mais tempo amanhã.

No dia seguinte, porém, a cidade estava agitada— a notícia do que havia acontecido atravessara Wakarusa como uma nuvem de tempestade —, e foi difícil fazer qualquer coisa.

Margot notou que algo estava errado na manhã seguinte, na farmácia. Ela havia deixado Luke alguns minutos antes tomando uma xícara de café e fazendo o livro de palavras cruzadas que ela tinha trazido de Indianápolis, pois lera que fazer esse tipo de atividade poderia ajudar a mantê-lo são. Um sino, acima da porta da loja, anunciou sua chegada. Então, mesmo que ninguém estivesse atrás do balcão quando ela entrou, Margot presumiu que o farmacêutico apareceria em breve. Ela ficou ao lado do balcão, passando os dedos distraidamente pelas embalagens de pastilhas para tosse, ouvindo os sons indistintos de uma TV vindo dos fundos.

— Com licença? — chamou ela, quando, depois de um minuto, ninguém apareceu. — Olá? — Ela esperou. Ainda assim, nada. — *O-lá?*

Finalmente, ela ouviu um movimento na parte de trás. Então, um homem enfiou a cabeça em um dos corredores.

— Ah! — disse ele, pegando um par de óculos pendurado em uma corrente em seu pescoço. Colocou-o na ponta do nariz, estreitou os olhos e se apressou. — Desculpe. Fiquei entretido pelas notícias, você sabe. Terrível o que aconteceu, não é? — Porém, antes que Margot pudesse responder, ele recuou um pouco como se a estivesse vendo pela primeira vez. — Não é sempre que vejo um rosto desconhecido por aqui.

Margot sorriu.

— Estou aqui para pegar alguns medicamentos para meu tio. — Ela puxou a mochila para a frente e tirou dois frascos laranja dela. Mais cedo, Margot havia vasculhado a bagunça de frascos que Luke tinha acumulado. Para seu alívio, a maioria deles era do mesmo remédio, mas de meses diferentes. Ela havia organizado todos eles em três medicamentos atuais, dois dos quais precisavam ser repostos: um que parecia ser uma estatina, um para pressão arterial e outro para glicemia.

— Quem é o seu tio? — perguntou o farmacêutico.

Margot colocou os dois frascos em cima do balcão.

— Luke Davies.

As sobrancelhas do homem se ergueram.

— *Você é sobrinha de Luke e Rebecca?* Isso quer dizer que você é a Margot.

Sua expressão era mais curiosa do que amistosa. Mesmo assim, Margot retribuiu com um sorriso.

— Sou eu.

— Sinto muito por sua tia, querida. O câncer se espalhou tão rápido. Não vejo seus pais há séculos. Mas são gente boa, gente *boa*. Como eles estão?

Seu sorriso enrijeceu, mas só um pouco. Ela sabia que isso aconteceria desde o momento em que tomou a decisão de voltar. A reação incerta quanto a Luke e Rebecca e de bajulação para sua mãe e seu pai. Seus pais tinham sido os moradores perfeitos de Wakarusa, até o momento em que se mudaram, o que supostamente era para o excitante novo emprego de seu pai em Cincinnati. Porém, na verdade, era para que ele pudesse ir para a reabilitação, o que não só não funcionou, como o deixou ressentido e mais irritado do que antes.

— Eles estão ótimos — respondeu ela ao farmacêutico. — Poderia me ajudar com esses medicamentos, por favor? Já ouvi falar de estatina antes, mas isso é para o coração ou para o colesterol?

Ela esperou, pelo que pareceu uma eternidade, para que o homem preenchesse duas receitas simples. Quando voltou, ele parecia confuso e ansioso, enquanto grampeava sua sacolinha branca. E então, quando estava saindo, ela passou por uma mulher que estava entrando com um telefone pressionado com força em seu ouvido. A mulher estava tão absorta em sua conversa que parecia nem ter visto Margot. Mas, pouco antes de a porta se fechar atrás dela, Margot ouviu a mulher dizer:

— Eu sei. Eu lhe disse. Os Jacobs são inocentes.

Margot virou a cabeça para olhar a mulher através do vidro. Talvez ela apenas tivesse ouvido mal. O nome provavelmente estava na cabeça de Margot, por estar de volta depois de todo esse tempo. Era impossível estar em Wakarusa e não pensar na família Jacobs. Além disso, a voz da mulher havia soado urgente e a história dos Jacobs tinha duas décadas. Ainda assim, Margot teve vontade de voltar e perguntar à mulher do que ela estava falando. No entanto, a ideia de se inserir deliberadamente na fábrica de boatos da cidade a impediu. Ela apenas procuraria na internet.

Sua busca, quando já estava no carro, não rendeu novos resultados, então ela a esqueceu. De qualquer maneira, ela já tinha muito em que pensar.

O resto do dia passou como um borrão com toda a limpeza que fez. Ela lavou os pratos, esfregou os balcões, recolheu um saco de lixo cheio de latas de refrigerante, toalhas de papel usadas e embalagens de comida. Quando entrou no quarto do tio naquela tarde, enquanto ele saía para uma caminhada, ela tapou o nariz e a boca com a mão. Seus lençóis cheiravam a azedo, com o acúmulo de suor e urina, e ela nem se deu ao trabalho de lavá-los, apenas os jogou fora e comprou novos no Walmart na cidade vizinha de Elkhart.

Na verdade, ela estava tão distraída que havia se esquecido completamente do incidente na farmácia até entrar no Shorty's Bar e Grill naquela noite para buscar o jantar para ela e Luke. Em algum momento, ela teria que tirar seu tio de uma dieta de pizza e hambúrguer, mas ela ainda não tinha conseguido ir ao supermercado. Por isso, comida para viagem teria que servir por enquanto.

O restaurante estava lotado, as pessoas envolvidas em conversas animadas. A tv, no canto do salão, estava sintonizada em um canal de notícias, no entanto, o barulho abafava o que quer que os dois apresentadores na tela estivessem dizendo. Margot se aproximou do bar cheio de clientes e tentou chamar a atenção da atendente, mas a mulher de braços cruzados e olhos arregalados estava focada no homem à sua frente, balançando a cabeça enquanto ele falava, gesticulando loucamente com sua cerveja.

— ... exatamente o que eu pensei o tempo todo! — Margot o ouviu dizer.

Ela acenou na direção da atendente.

— Com licença?

A mulher atrás do bar virou a cabeça para olhar para ela.

— Espere um minuto, Larry — disse ela ao homem. Em seguida, aproximou-se.

— O que posso lhe servir, querida? — perguntou ela a Margot. A atendente parecia ter cinquenta anos, mas Margot suspeitava que provavelmente estivesse mais perto dos quarenta, com uma aparência malcuidada. Sua pele era como couro gasto, e seu cabelo tinha consistência de palha.

— Olá, quero fazer um pedido para viagem para...

— Puta merda! — a atendente exclamou tão de repente que Margot se assustou. — Um pedido para viagem para *Margot!* Você é Margot Davies. — Em sua visão periférica, Margot viu uma fileira de cabeças virando em sua direção. Ela disfarçou seu estremecimento ao forçar um sorriso. O farmacêutico havia sido rápido. Tinham passado menos de sete horas desde que ela havia dito seu nome a ele.

— Oi.

— Como estão os seus pais? Puxa, não vejo Adam e Bethany há séculos! — O rosto da atendente se entristeceu dramaticamente. — Saudade deles. Diga a eles que Linda mandou um abraço?

— Certo. Sim, claro.

— Ah, meu Deus! — exclamou Linda. Então ela baixou um pouco o tom de voz ao perguntar: — É por isso que você está aqui?

— Hum... — Margot balançou a cabeça. — Por isso o quê?

— Bem, a história, é claro. Você é repórter, não é?

— Sim... — Margot ficou tão impressionada com tudo o que essa estranha parecia saber sobre ela que estava tendo problemas para acompanhar a conversa. — Que história? O que está acontecendo?

As sobrancelhas de Linda se ergueram.

— Quer dizer que ainda não sabe? — Ela se virou procurando alguma coisa. Finalmente, seu olhar pousou no controle remoto da tv, ao lado de um pote aberto de cerejas em calda. Ela o pegou e apontou para a tela, aumentando o volume.

— ... em um evento recente, que aconteceu em Nappanee, Indiana — dizia um apresentador. O nome da cidade fez Margot estremecer. Nappanee ficava praticamente ao lado de Wakarusa. Se entrasse em seu carro agora, ela chegaria lá em menos de quinze minutos. — *Mais cedo, nesta manhã* — continuou o âncora —, *Natalie Clark, de cinco anos, foi reportada como desaparecida por seus pais. De acordo com sua mãe, Samantha Clark, a menina desapareceu de um playground lotado. A sra. Clark estava alimentando seu filho mais novo, um bebê, quando olhou em volta para checar Natalie e seu outro filho, mas Natalie não estava em lugar algum.*

Uma foto da garota desaparecida surgiu na tela, toda sorridente e com o cabelo castanho desgrenhado. De repente, tudo se encaixou: o olhar ansioso no rosto do farmacêutico, o telefonema da mulher e sua menção à família Jacobs. Afinal, Margot não a havia ouvido errado. Agora, ela sabia o que Linda ia dizer antes mesmo que a mulher se virasse para encará-la.

— Está acontecendo de novo: January Jacobs. Quem a assassinou está de volta.